Universidade Federal de Minas Gerais
UEADSL 2025.1 - Liberdade e Cidadania

VERIDICÇÃO E GÊNERO: A CONSTRUÇÃO SEMIÓTICA DA 'VERDADE' NO DIAGNÓSTICO DE TEA

Lívia Lima Teixeira[1]

[1]Universidade Federal de Minas Gerais /
Escola de Educação Física, Fisioterapia
e Terapia Ocupacional,
livialteixeira@gmail.com

Resumo: Este artigo investiga a construção semiótica da "verdade" no diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA), focando em gênero e veridicção (ser/parecer). Analisa-se como discursos sobre o TEA feminino são influenciados por estereótipos de gênero. A metodologia utiliza depoimentos de mulheres autistas, revelando que a interpretação dos sinais leva a subdiagnósticos e diagnósticos tardios. Isso evidencia uma "não-verdade" na validação do autismo feminino, ressaltando a necessidade de abordagens diagnósticas mais equitativas.

Palavras-chave: semiótica, veridicção, TEA, gênero, diagnóstico.

1. Introdução:

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), condição do neurodesenvolvimento caracterizada por diferenças na comunicação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento e interesses (Freire, Cardoso, 2022), apresenta uma disparidade diagnóstica: mais identificado em indivíduos do sexo masculino. Essa discrepância não se deve à menor incidência em mulheres, mas a fatores como apresentação clínica atípica em meninas, "masking" de sintomas e estereótipos de gênero que permeiam a percepção e interpretação dos comportamentos (Loureiro, 2024; Scalcon, Cordeiro; Marcolino-Galli, 2024; Nascimento et al., 2025). Tais fatores culminam em subdiagnósticos ou diagnósticos tardios para o gênero feminino, com significativass consequências ao seu bem-estar (Freire; Cardoso, 2022; Scalcon, Cordeiro; Marcolino-Galli, 2024).

Nesse contexto, urge investigar a construção da "verdade" do diagnóstico de TEA. Esta "verdade" não é um fato biológico, mas emerge de complexa interpretação de signos e discursos, social e historicamente condicionada. A semiótica discursiva, com o conceito de veridicção (ser/parecer), oferece arcabouço para desvelar como

manifestações são validadas ou invalidadas como indicativos de TEA, especialmente sob lentes de gênero (Barros, 2005a; Fiorin, 1994; Barros, 1988; Casquilho, 2013). A compreensão desses vieses é crucial. O presente estudo elege como corpus depoimentos de mulheres autistas da comunidade r/autism do Reddit. Esses discursos, por sua espontaneidade e representatividade, são privilegiados para observar como estereótipos de gênero atuam no reconhecimento do TEA, ilustrando a veridicção. O artigo propõe analisar semioticamente a construção da "verdade" diagnóstica, considerando as implicações de gênero, visando contribuir para uma compreensão mais crítica e inclusiva do processo.

2. Fundamentação teórica: a veridicção na semiótica discursiva

A semiótica discursiva, da Escola de Paris e Greimas, propõe um método para compreender como o sentido é construído e manifestado (Barros, 2005a; Greimas & Courtés, 2008; Barros, 1988). No Percurso Gerativo do Sentido, a veridicção insere-se no Nível Discursivo, pilar para a análise da modalização e construção do "regime de verdade" discursivo O conceito de veridicção modaliza o ser e o parecer, definindo o que é verdadeiro/falso, aparente/não aparente. Greimas e Courtés (2008) e Casquilho (2013) delineiam suas quatro categorias fundamentais:

1. **Verdadeiro**: O que é e parece ser;
2. **Falso**: O que não é e parece ser;
3. **Segredo**: O que é e não parece ser;
4. **Mentira**: O que não é e não parece ser.

Essas categorias permitem analisar estratégias de manipulação, evidenciando como a informação constrói ou oculta uma "verdade" (Carneiro, 2018). A veridicção não se preocupa com a verdade ontológica, mas com sua construção discursiva, encenada e percebida (Casquilho, 2013; Barros, 2005b; Fiorin, Barros, 1994). Aplicá-la revela estratégias de persuasão, permitindo leitura crítica (Carneiro, 2018). Compreender a veridicção é entender como a credibilidade é forjada e o sentido moldado por aparências e essências discursivas.

Realização: Apoio: Produção:

Universidade Federal de Minas Gerais
UEADSL 2025.1 - Liberdade e Cidadania

3. A construção semiótica da ‘verdade’ no diagnóstico de TEA e a perspectiva de gênero

A "verdade" do diagnóstico de TEA é construída pela interpretação de sinais, afetada por lentes sociais, culturais e de gênero, que modulam o que "é" e "parece ser" TEA. A semiótica da veridicção desvenda as modalidades operantes, expondo como estereótipos de gênero distorcem a "verdade" clínica, especialmente no contexto feminino.

A análise semiótica a seguir foca em depoimentos de mulheres autistas da comunidade r/autism do Reddit, ilustrando a complexidade da percepção e reconhecimento do TEA sob vieses de gênero. Esses discursos revelam como o ser autista feminino é frequentemente obscurecido pelo parecer de outras condições ou expectativas sociais:

Depoimento A: "Me diagnosticaram com ansiedade generalizada e depressão. (...) Lembro de ter dito pra uma terapeuta que multidões me deixam ansioso e estressado, e ela tipo 'o que você acha que vai acontecer com você?'."

- **Análise semiótica do depoimento A**: Os diagnósticos de ansiedade/depressão funcionam como falsos, mascarando o ser autista. A incompreensão da terapeuta, que interpreta a sobrecarga sensorial como ansiedade ("o que você acha que vai acontecer?"), evidencia que o ser autista permanece um segredo, disfarçado sob o parecer de ansiedade neurotípica.

Depoimento B: "Fui diagnosticada com depressão [...] tomei Prozac por alguns anos [...] me disseram que eu tinha um tipo de depressão chamada distimia. Levei isso até uns 28 anos, quando alguém comentou que eu talvez estivesse no espectro. [...] aos 32, fui oficialmente diagnosticada com TDAH, TOC e TEA (um hat-trick!)”.

- **Análise semiótica do depoimento B**: Um percurso de múltiplos falsos diagnósticos (depressão, distimia, TDAH, TOC) marca o relato. O ser autista operou como segredo por anos, oculto por sintomas que pareciam ser outras condições. A autodescoberta revela o segredo, e a verdade do TEA emerge. A "hat-trick" ironiza a busca pela complexa "verdade" do TEA.

Depoimento C: "Fui diagnosticada com TOC jovem e depois acabei sendo encaminhada

para um diagnóstico de TDAH [...] No fim das contas, fui diagnosticada com TDAH do tipo desatento, dispraxia e ansiedade generalizada, e dois anos depois recebi o diagnóstico de Autismo."

- **Análise semiótica do depoimento C**: Uma jornada gradual de revelação da **verdade**. O autismo existia como **segredo**, oculto sob diagnósticos de TOC, TDAH, dispraxia e ansiedade, que atuaram como falsos indícios. A longa duração do processo ("4 ou 5 anos", "dois anos depois") reforça como fatores sistêmicos prolongam o segredo. A chegada à verdade do diagnóstico de autismo transformou o segredo em verdade reconhecida.

Essa análise semiótica demonstra de forma contundente como as modalidades veridictórias operam na construção social e clínica do diagnóstico de TEA. O parecer, fortemente influenciado por expectativas de gênero e estereótipos, sistematicamente oculta o ser autista em meninas e mulheres. Consequentemente, potenciais verdades diagnósticas são transformadas em segredos ou, de forma mais perversa, em mentiras atribuídas à própria pessoa autista. Essa dinâmica discursiva contribui significativamente para o problema do subdiagnóstico e do diagnóstico tardio no sexo feminino, validando a escolha de depoimentos reais como um potente catalisador para a discussão semiótica sobre o tema.

4. Considerações finais

A análise semiótica da "verdade" no diagnóstico de TEA, pela veridicção e gênero, revelou-se campo fértil para compreender os mecanismos discursivos que moldam a percepção e reconhecimento do autismo. Ao examinar como ser e parecer são articulados em discursos de mulheres autistas do Reddit, observou-se o papel significativo de estereótipos de gênero na atribuição de autenticidade aos sinais do TEA. A interpretação de manifestações autistas em mulheres como "timidez", "ansiedade", "depressão" ou "busca por atenção" evidencia persistente invisibilidade do autismo feminino.

Os objetivos de analisar semioticamente a construção da "verdade" no diagnóstico de TEA, considerando as implicações de gênero, foram alcançados. aplicação das modalidades de veridicção (verdadeiro, falso, segredo, mentira) desvelou como a condições ou por julgamentos sociais, especialmente em mulheres. Esse processo

Realização: Apoio: Produção:

discursivo resulta em subdiagnóstico e diagnóstico tardio, corroborando achados da literatura sobre as dificuldades femininas no acesso a um diagnóstico preciso. As implicações desses achados são profundas. A desconstrução dos vieses de gênero no diagnóstico de TEA exige não apenas aprimoramento das ferramentas diagnósticas e do conhecimento clínico sobre as manifestações do autismo feminino, mas também uma conscientização dos profissionais de saúde e da sociedade sobre como os discursos e as expectativas de gênero influenciam a interpretação dos sinais. A semiótica oferece uma metodologia poderosa para identificar e problematizar esses discursos, contribuindo para uma prática clínica mais justa e equitativa. Pesquisas futuras poderiam expandir essa análise para outros corpora, como narrativas de mulheres autistas sobre seu processo de diagnóstico, discursos médicos formais, a fim de aprofundar a compreensão das estratégias de veridicção em diferentes esferas da construção da "verdade" sobre o TEA feminino.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Análise Semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005a.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **O método estrutural da narrativa**. São Paulo: Ática, 2005b.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso:** fundamentos semióticos. São Paulo: Atual, 1988.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (org.). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1994.

CARNEIRO, Maria Angélica Lauretti. Processo de geração de veridicção em um discurso persuasivo da mídia cotidiana: elementos para uma leitura crítica. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 2, n. esp., p. 10-20, jan./jul. 2012. Disponível em: http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/94/135. Acesso em: 15 jun. 2025.

CASQUILHO, José Pinto. Veridicção, verosimilhança e informação. **Revista Veritas**, Porto Alegre, v. 58, n.1, p. 81-102, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/291765372_Veridiccao_verosimilhanca_e_informacao. Acesso em: 10 jun. 2025.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Greimas**. São Paulo: Ática, 1994.

FREIRE, Milson Gomes; CARDOSO, Heloísa dos Santos Peres. Diagnóstico do

autismo em meninas: revisão sistemática. **Revista Psicopedagogia**, v. 39, n. 120, p. 435-44, 2022. Disponível em: https://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/750/diagnostico-do-autismo-em-meninas--revisao-sistematica. Acesso em: 15 jun. 2025.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

LOUREIRO, Jullie Soares. Autismo em mulheres: por que o diagnóstico é tão difícil? **Brazilian journal of implantology and health sciences**, v. 6, n. 11, p. 4009-4021, 2024. Disponível em: https://bjihs.emnuvens.com.br/bjihs/article/view/4506/4542. Acesso em: 15 jun. 2025.

NASCIMENTO, Vanessa Heloise da Silva et al. Espectro autista em mulheres e meninas: um olhar sobre as diferenças de gênero e os desafios no diagnóstico. **Brazilian journal of health review,** Curitiba, v. 8, n. 1, p. 01-16, jan./fev. 2025. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/77847/53982. Acesso em: 15 jun. 2025.

SAINT82SCARLET. Antes de ser diagnosticado como autista, com o que mais você foi diagnosticado? [s. l.], maio/jun. 2025. Reddit: **Comunidade r/autism.** Disponível em:_ https://www.reddit.com/r/autism/comments/1k0gfp0/before_diagnosed_as_autisticwhat_else_had_you/?tl=pt-br._Acesso em: 10 jun. 2025.

SCALCON, Alana Zonfrilli; CORDEIRO, Michelly Daiane de Souza Gaspar; MARCOLINO-GALLI, Juliana. Transtorno do Espectro Autista: relato de mulheres que vivenciaram um diagnóstico tardio. Distúrbios da Comunicação, São Paulo, v. 36, n. 3, p. e67520, 2024.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição - Compartilha Igual (CC BY-SA- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.